

MESSINEO, Cristina; **SCARPA**, Gustavo F.; **TOLA**, Florencia (eds.) (2010). *Léxico y categorización etnobiológica en grupos indígenas del Gran Chaco*. 1ª ed. Santa Rosa: Universidad Nacional de la Pampa. Facultad de Ciencias Humanas. Instituto de Lingüística. Pp. 296. ISBN: 978-950-863-140-4.

O livro, compilado por Cristina Messineo, Gustavo F. Scarpa e Florencia Tola, é resultado do último ano de pesquisa do projeto interdisciplinar “*Clasificación nominal y categorización etnobiológica en grupos indígenas del Gran Chaco*”, financiado pela *Agencia Nacional de Promoción Científica y Tecnológica de Argentina*. O livro contém 296 páginas e está organizado em: “Apresentação da obra”, “Apresentação dos autores” e artigos. Ao todo foram compilados dez artigos, que podem ser divididos em duas partes: a primeira reúne pesquisas que focalizam o aspecto linguístico das nomenclaturas e taxonomias etnobiológicas; já a segunda parte reúne pesquisas relacionadas à etnobiologia. Assim, por meio dos aportes da Linguística, da Etnobiologia e da Antropologia, a obra traz trabalhos importantes que buscam compreender os processos de formação do léxico, os modos de classificação nominal e a categorização etnobiológica em Toba, Mocoví, Chorote, Wichí e Maká, línguas faladas na região do Grande Chaco.

Na apresentação do livro (p. 5-19), Messineo, Scarpa e Tola traçam um panorama sobre a região do Grande Chaco (imensa planície que abrange terras da Argentina, Bolívia, Paraguai e Brasil), seus povos, suas línguas, e fazem considerações importantes sobre o caráter interdisciplinar dos artigos presentes na obra.

De acordo com os editores, nessa região são faladas 19 línguas que podem ser agrupadas em seis famílias linguísticas: **Guaycurú**: Toba, Pilagá e Mocoví; **Mataco-Mataguaya**: Wichí, Nivaklé (Chulupí), Chorote e Maká; **Tupi-Guarani**: Chiriguano, Tapiete e Mbya; **Língua-Maskoy**: Enxet (Lengua), Sanapaná, Angaité, Enenxet (Toba-Maskoy) e Kashiha; **Zamuco**: Chamacoco e Ayoreo e **Lule-vilela**: Vilela (Chunupí) (p. 8). Apesar dessa diversidade, são ressaltadas as características socioculturais – organização social, cosmologia, sistema de crenças – e linguísticas semelhantes apresentadas pelos povos indígenas chaquenhos. Os editores citam alguns estudos histórico-comparativos e tipológicos que evidenciam a existência de semelhanças fonológicas e morfossintáticas entre línguas da mesma família ou até mesmo entre línguas de famílias distintas.

Ainda na apresentação da obra são trazidas algumas informações sobre localização geográfica, uso de línguas, transmissão inter-geracional e dados censitários referentes às línguas e aos povos contemplados pelos artigos. De qualquer maneira, como ressaltado pelos editores, todas essas línguas, em menor ou maior medida, podem ser consideradas ameaçadas de substituição pela língua espanhola.

Antes de finalizar a apresentação com o resumo dos artigos compilados, Messineo, Scarpa e Tola fazem uma reflexão sobre o desenvolvimento dos estudos sobre os sistemas classificatórios. Desde 1954 têm sido realizadas pesquisas em antropologia cognitiva que procuram entender as culturas humanas como sistemas de conceitos, em que se tenta compreender a estrutura do conhecimento nativo a partir da análise das categorias de organização do mundo biológico. Assim, esperava-se chegar à estrutura que permitiria compreender a totalidade do comportamento dos membros de uma dada sociedade por meio da comparação entre o código linguístico e o código cultural (p. 8). Os editores

ressaltam que no auge das pesquisas sobre sistemas nativos de classificação, a corrente particularista de Sapir e Whorf é abandonada, e adota-se o modelo proposto por Chomsky. Esse fato tem um claro reflexo nos estudos sobre sistemas de classificação, uma vez que o relativismo cultural perde espaço para o comparativismo universalista, em que a classificação científica passa a ser considerada como um sistema de referência absoluto. Entretanto, os editores atentam para o fato de que nos últimos anos há pesquisas que adotam abordagens que integram generalizações transculturais ao trabalho de identificação das maneiras particulares de cada sociedade organizar o mundo e a experiência (p.13).

Messineo, Scarpa e Tola não deixam de mencionar as pesquisas que utilizam os critérios funcionais no estabelecimento de categorias biológicas. Conforme é ressaltado no livro, essas pesquisas colocam em evidência a intervenção do ponto de vista humano nos sistemas de classificação e mostram que os critérios utilizados para codificar linguisticamente o entorno natural varia de língua para língua e que os mecanismos linguísticos indicam a maneira como os falantes refletem, organizam e recriam o mundo circundante.

De acordo com os editores, os artigos reunidos no livro adotam um enfoque integrador e funcional, já que são trabalhos desenvolvidos na interface entre a Linguística, a Etnobiologia e a Etnografia.

Em “*Modos de clasificación nominal en toba (guaycurú) y maká (mataguaya): zoonimia y fitonimia*” (p.27-64), Cristina Messineo e Paola Cúneo analisam os recursos linguísticos presentes na formação de zoônimos e fitônimos nessas duas línguas pertencentes a famílias distintas, por meio da morfologia derivacional e da composição nominal. Esses mecanismos, conforme as autoras, intervêm na categorização do mundo natural e são altamente produtivos na formação do léxico referente ao mundo animal e vegetal.

Primeiramente, Messineo e Cúneo apontam as características tipológicas compartilhadas pelas línguas toba e maká, como a existência de classificadores dêíticos e classificadores possessivos e, logo em seguida, apresentam um esquema dos classificadores nominais em Toba e sua função na categorização de plantas e animais. As autoras salientam que a função dos classificadores não foi documentada em Maká possivelmente porque nas línguas mataguayas os demonstrativos codificam distância relativa e não forma ou posição como em Toba.

Messineo e Cúneo mostram que a sufixação é um processo derivacional produtivo, utilizado na formação geral dos nomes em Toba e Maká que, quando aplicado a determinadas raízes, esses sufixos funcionam como marcadores de classe, uma vez que destacam certa característica da entidade a que se referem, como tamanho, cor, forma, hábitat, sabor, odor, sexo ou comparação com outro objeto (p.37).

Em Maká, as pesquisadoras descrevem o sufixo *-taχ* como um classificador que deriva nomes referentes à fauna e flora a partir de uma variedade mais conhecida ou prototípica. Entretanto, apesar de sua polissemia, esse sufixo parecer possuir o significado gramatical avaliativo, que sugere uma possível conexão com a noção de aumentativo.

Ainda é apresentado um segundo grupo de sufixos, referente ao domínio semântico da flora, composto por morfemas derivativos que codificam “espécies lenhosas”, “fruto” e “comunidade vegetal” e que se comportam como classificadores (são morfemas obrigatórios para raízes específicas, possuem um significado homogêneo e formam um número reduzido de classes). Mesmo se tratando de línguas pertencentes a famílias distintas, por meio de exemplos, as autoras demonstram a semelhança funcional e formal existente

entre esses morfemas classificadores em Toba e em Maká.

Pela descrição e análise dos compostos apresentados, é possível notar que ambas as línguas utilizam recursos semelhantes na composição dos nomes referentes à fauna e flora. Conforme o tipo de relação sintática, os compostos nominais são classificados como paratáticos ou exocêntricos, em que não existe um núcleo (pouco presentes em Toba e em Maká), e hipotáticos ou endocêntricos, em que o núcleo geralmente é o lexema da direita, enquanto o da esquerda é o dependente (grande ocorrência em ambas as línguas).

Para Messineo e Cúneo na composição nominal em Toba e em Maká, substantivos que fazem parte do vocabulário básico, sobretudo partes do corpo e termos de parentesco, se combinam com outros mais específicos para formar zoônimos e fitônimos, apresentando a seguinte estrutura em ambas as línguas: N(ADJ) + 3 POS-N. De acordo com o tipo de relação semântica, os compostos são classificados em relacionais, meronímicos (parte/todo) ou atributivos.

Os compostos relacionais são particularmente interessantes, eles são formados por um termo de relação, núcleo do composto, retirado do vocabulário básico da língua para a classificação de conceitos etnotaxonômicos, como sua mãe, seu pai, seu filho(a), seu inseto (p.48). Em Toba, os termos *late?* e “sua mãe” e *lta?a* “seu pai” categorizam uma variedade ou espécie em relação à prototípica ou outra mais conhecida, assim como o sufixo *-taχ* do Maká, e também possuem um traço avaliativo.

Dessa maneira, o artigo de Messineo e Cúneo apresenta uma análise detalhada dos processos de formação do léxico relacionado à fauna e flora em Toba e Maká, contribuindo com o desenvolvimento de estudos na área de Lexicologia e Lexicografia, com pesquisas que se detenham na investigação sobre sistemas de classificação biológica, assim como contribui para a tipologia da classificação linguística e documenta o conhecimento que os indígenas chaquenos possuem do seu entorno natural.

Em “*Nombres que ‘suenan’: simbolismo sonoro en léxico etnobiológico*” (p.65-82), Paola Cúneo analisa um conjunto de nomes que constitui o léxico etnobiológico em Toba, principalmente os lexemas referentes a aves e que apresentam recursos de simbolismo sonoro, entendido como a relação motivada entre som e significado. Esse fenômeno inclui o simbolismo sonoro imitativo (onomatopeia) e o simbolismo sonoro convencional, entre outros sistematizados por Hinton *et al.* (1994).

De acordo com Cúneo, os nomes onomatopaicos em Toba possuem forma fonológica icônica com um som não linguístico particular, uma vez que até mesmo alguém que não seja falante de Maká pode identificar esse tipo de vocabulário. A autora aponta também que esses itens léxicos podem ocorrer precedidos por outro nome de caráter mais geral, coexistindo termos alternativos para uma mesma espécie. Entretanto, a autora mostra a existência de diversos casos em que os compostos nominais têm a onomatopeia como primeiro termo e como segundo termo propriedades dos referentes, como hábitat ou tamanho.

Ao tratar do simbolismo sonoro convencional – associação analógica de determinados fonemas ou grupo de fonemas a certos significados –, a pesquisadora cita alguns estudos que apontam, por exemplo, a correlação entre sons vocálicos e tamanho, e se baseia nos estudos de Berlin (1992) ao atestar certa consistência nos padrões fonológicos presentes nos nomes de aves, como a recorrência da vogal alta anterior /i/ no vocabulário referente à avifauna.

Cúneo afirma que em Toba as onomatopeias constituem casos de lexicalização, uma vez que esses nomes conformam casos de criação de raízes (*conaige* Brinton e Traugott, 2005) e constituem um recurso que cria novos elementos linguísticos, expandindo o vocabulário da língua. A pesquisadora ressalta que as onomatopeias são itens lexicais convencionalizados, listados no inventário da língua e com um significado específico (p.73). Ela comprova o status lexical dessas palavras por meio do acento e pelo seu comportamento idêntico a todos os nomes dessa língua, uma vez que são precedidas por classificadores nominais e possuem flexão regular, por exemplo.

Outra contribuição do artigo de Cúneo é a documentação de nomes que evocam eventos sensoriais que não apenas identificam ou descrevem as propriedades de seus referentes, mas recriam uma situação e, por esse motivo, seriam semelhantes a ideofones. Cúneo não os classifica como ideofones por não pertencerem a uma classe definida de acordo com propriedades fonológicas e morfológicas independentes e distintivas (p.79), entretanto esse grupo de nomes traz informações sobre a cosmologia da etnia estudada, contribuindo para os estudos sobre sistemas de classificação biológica, e promove um aumento do inventário lexical da língua por meio da criação de novas raízes.

Assim como nos dois primeiros artigos do livro, em “*Recursos de formación del léxico en maká (mataguayo): zoonimia y fitonimia*”, escrito por Cristina Messineo e Temis Tacconi, destaca-se o caráter motivado, não arbitrário, dos nomes analisados, os quais refletem o conhecimento de mundo das comunidades indígenas.

As autoras investigam os processos morfossintáticos e lexicais presentes na formação dos zoônimos e fitônimos em Maká, apresentando os seguintes processos de formação do léxico etnobiológico: simbolismo sonoro, derivação, conversão e composição nominal, que, como demonstrado no artigo, são altamente produtivos em Maká. Esse trabalho apresenta um *corpus* bem sistematizado, em que é mostrada a frequência de todos os processos de formação do léxico analisados.

O artigo é desenvolvido em diálogo com os dois primeiros trabalhos presentes no livro. As pesquisadoras analisam os lexemas formados por simbolismo sonoro imitativo e simbolismo sonoro convencional. Com relação ao processo de derivação, além do sufixo avaliativo *-taχ*, as autoras apresentam os sufixos *-Vk*, marcador de classe “plantas lenhosas”, *-(k)et*, marcador de classe “comunidade vegetal”, *-i*, *-aχ* e *-a?*, marcador da classe “fruto”, e o sufixo *-(k)wi*, marcador de classe “pluralidade de espécies vegetais”, não abordado por Messineo e Cúneo no primeiro artigo que compõem a obra.

O processo de conversão – mudança funcional de uma classe lexical para outra sem alterações na forma do lexema – ocorre nos nomes referentes a plantas. Entretanto, nem sempre esse recurso em Maká implica em mudanças funcionais, mas sim em mudanças semânticas, ocorrendo uma transferência do domínio humano para o domínio animal ou deste para o domínio vegetal (p.101). As autoras afirmam que em todos esses casos, há um lexema semanticamente motivado. As frases utilizadas como nomes de plantas também configuram, na perspectiva de Messineo e Tacconi, como um caso de conversão.

As autoras reafirmam a estrutura dos compostos nominais em Maká: N/Adj + 3POS-N, em que a construção resultante pode se apresentar como uma frase nominal possessiva (como N1 + 3POS-N2) ou como uma frase nominal atributiva (Adj + 3POS-N). De acordo com a relação semântica existente entre suas unidades, Messineo e Tacconi classificam os compostos como meronímicos, relacionais, funcionais e atributivos. Dessa maneira, a

composição nominal, processo que ocorre na fronteira entre morfologia e sintaxe, em que a relação estabelecida entre os elementos de um composto reflete as características tipológicas da língua, permite a realização de estudos comparativos com línguas da mesma família ou mesma região.

O artigo “*Uma marca de evidencialidad nominal en la fitonimia chorote (mataguayo)*” (p.117-140) é um trabalho em conjunto realizado pelo linguista Javier Carol e o etnobiólogo Gustavo F. Scarpa. Nesse artigo, os pesquisadores analisam as características nomenclaturais e gramaticais da marca *jimpe(j)*, presente em muitos fitônimos da língua chorote. Os autores propõem, para essa marca, a tradução aproximada de “parecido a” ou “como se fosse”.

Para Carol e Scarpa, os nomes referentes ao léxico etnobotânico que possuem a marca *jimpe(j)* são nomes metafórico-descritivos alusivos que podem se referir ou não a um protótipo (representado por partes de animais ou de deidades míticas). Entretanto, como eles deixam claro, os nomes que recebem essa marca dificilmente serão nomes prototípicos, o que mostra que os nomes acompanhados por *jimpe(j)* designam espécies pouco relevantes para a cultura chorote (p.123).

Segundo esses autores, o Chorote utiliza marcas gramaticais que indicam a fonte de informação disponível ao falante, isto é, a língua em estudo codifica a evidencialidade (p.125). Gramaticalmente, *jimpe(j)* seria um evidencial indireto nominal que, como demonstrado pela argumentação linguística presente no artigo, está possivelmente relacionado diacronicamente com o evidencial isomórfico *jen* (átone *jin*) mais *pe(j)*, que geralmente denota passado remoto. A partir dessa afirmação, os autores trazem reflexões interessantes sobre o processo de lexicalização sofrido por essa marca.

No artigo “*La etimología de ‘tapir’ em guaicurú*” (p.141-156), Pedro Viegas Barros afirma que a família guaicurú compreende dois ramos: um setentrional, formado pelo Kadiweu, falado atualmente no Mato Grosso do Sul, Brasil, e o extinto Mbayá do Paraguai; e outro meridional, composto pelas línguas chaquenas Toba, Pilagá, Mocoví, entre outras. Nesse trabalho, Viegas coloca em questão a reconstrução do termo proto-guaicurú *Iyiw:oeGa(q) ‘anta’, feita por Ceria y Sandalo (1995), já que, segundo o pesquisador, não foi respeitado o fato de que em qualquer comparação de línguas, não é possível reconstruir uma protoforma comum se não se levar em conta correspondências regulares. Assim, em sua pesquisa, Viegas procurou as regularidades existentes entre algumas línguas da família guaicurú e apresentou sua hipótese para se chegar a uma protoforma.

Conforme o pesquisador, o termo analisado representa um dos casos em que um zoônimo é formado a partir da denominação de uma parte do corpo do animal (no caso analisado por Viegas, a probóscide da anta, considerada como um prolongamento do lábio superior do animal). Ele enfatiza que só foi possível chegar aos resultados expostos no artigo por meio da consulta a fontes antigas.

Em “*Hacia una etnotaxonomía vegetal chorote II: Clasificación de las plantas entre las parcialidades iyojwá’ja y iyowújwa del Chaco argentino*” (p.157-198), Gustavo F. Scarpa apresenta uma proposta de classificação etnobotânica reconhecida por grupos chorote do Chaco argentino falantes de duas variedades linguísticas: o *iyojwá’ja*, falado pelos ribeirinhos, e o *iyowújwa*, falado pelos grupos que habitam as montanhas.

Nesse artigo, é interessante a descrição da metodologia utilizada por Scarpa para obtenção de informações sobre a estrutura linguística dos fitônimos e sobre o agrupamento

desse nomes em categorias. O pesquisador afirma ter utilizado diferentes técnicas, como evidências linguísticas que apareceram no discurso dos falantes sobre o papel das plantas nos mais variados âmbitos culturais para chegar aos agrupamentos classificatórios.

O autor explicita em seu trabalho que é um erro interpretar inteiramente o sistema classificatório de um determinado povo a partir das categorias codificadas na nomenclatura biológica (p.159 e p.163). No entanto, ele não descarta a análise da estrutura linguística dos fitônimos, enfatizando a necessidade de se considerar simultaneamente nessa análise as funções semânticas da denotação e conotação, a focalização prototípica e as marcas léxicas para se chegar à identificação das categorias etnotaxonômicas.

Por meio da discussão de hipóteses presentes em obras tradicionalmente consultadas sobre taxonomia folk e pelo conhecimento interdisciplinar sobre os chorote, Scarpa constata, em sua proposta de classificação etnobotânica, a ausência de uma categoria classificatória que se refira ao “Reino Vegetal”. No entanto, ele afirma que é registrada a presença de “formas de vida” como categorias principais ou de máxima inclusão na etnotaxonomia chorote (90% das entidades classificadas) e ressalta que o sistema classificatório identificado apresenta níveis escassos de hierarquização taxonômica.

Em “*Fitonimia wichí de espécies arbóreas y arbustivas del Chaco Semiárido salteño*”, a bióloga Maria Eugenia Suárez apresenta uma análise linguística e semântica dos nomes wichí referentes às espécies arbóreas e arbustivas da região do Grande Chaco com o objetivo de reconhecer os padrões taxonômicos subjacentes e enfatizar as relações entre esses nomes e a cosmologia wichí.

Por meio de diversas incursões a campo e consultas a um grande número de estudos sobre a língua wichí, a pesquisadora registrou 112 fitônimos para 97 espécies botânicas arbóreas e arbustivas. A análise morfossintática realizada permitiu à pesquisadora classificar os fitônimos em lexemas simples e lexemas complexos, sendo que estes são divididos em lexemas compostos ou derivados por sufixação. Os nomes simples são classificados em dois subgrupos: nomes monossêmicos e nomes polissêmicos. Segundo Suárez, todos os nomes complexos derivados são formados por sufixação, processo recorrente em wichí para a formação de palavras. A autora traz então uma lista de sufixos e discute os elementos da cultura wichí a eles associados.

Ao final do trabalho, é apresentada uma tabela em que estão listados os nomes vernáculos (ordenados em ordem alfabética por família e espécie botânica), seu correspondente em crioulo, a forma de vida da planta, o fitônimo wichí, o fitônimo segmentado, a glosa, a tradução literal para o espanhol e o código que indica o tipo de fitônimo conforme a discussão presente no artigo.

Em “*Léxico y etiologías de las dolencias entre los tobas del Chaco Central (Argentina): un enfoque etnobiológico*” (p.225-249), o Doutor em Ciências Agropecuárias Gustavo J. Martínez apresenta os resultados do estudo de etnobotânica médica desenvolvido entre os Toba do Chaco Central, em que ele documenta o léxico vernáculo e descreve as doenças na perspectiva dos nativos.

Em seu artigo, Martínez traça um panorama sobre as condições médico-sanitárias desse povo e atenta para o fato de que a medicina tradicional toba ainda é ignorada pela medicina oficial. Segundo o pesquisador, um dos aspectos mais relevantes para a compreensão da etnomedicina de um grupo humano é a maneira como o nativos concebem e denominam as enfermidades (p.227). Martínez afirma que na medicina toba associa-se a

noção de enfermidade à de desequilíbrio, que transcende o plano do biológico e se estende a outros âmbitos, como o referente ao entorno ambiental, social ou ao mundo mítico-religioso.

A pesquisa realizada revela que a diversidade de denominações para as enfermidades estão relacionadas a cinco tipos de desequilíbrio: orgânicos; entre as entidades que constituem o indivíduo; sociais; espaço-ambientais; e religioso. A partir disso, o autor traz o léxico vernáculo, a etimologia das doenças conforme a perspectiva toba e alguns depoimentos dos nativos, evidenciando assim que, para esse povo, os seres do entorno natural não operam apenas como recursos com propriedades farmacêuticas, mas também como expoentes do não-humano, portadores de uma eventual intencionalidade negativa (p.247).

Em “*Compilación y análisis preliminar de la fitonimia de la flora leñosa de comunidades mocovíes del sudoeste chaqueño*” (p.251-271), a antropóloga Cintia N. Rosso compila os fitônimos da flora lenhosa entre os Mocoví e verifica a existência de um classificador de lenhosas.

Nesse trabalho, a pesquisadora agrupa os fitônimos em nomes literais (lexemas primários), nomes secundários, nomes metafórico-descritivos e empréstimos. Com relação aos nomes de plantas registrados como lexemas primários (correspondente a 57% dos nomes coletados), Rosso distingue aqueles que terminam em *-ic/ik* e os que não possuem essa terminação. Por meio da comparação com estudos sobre outras línguas do Chaco que demonstram a existência de um classificador de lenhosas, Rosso constata que *-Vk* é de um classificador em Mocoví, estando presente em registros históricos do século XVIII.

De acordo com Rosso, a documentação de fitônimos entre os Mocoví é incompleta e dispersa, e por isso, em sua pesquisa, ela se utilizou tanto de dados bibliográficos quanto do trabalho de campo para a realização de novas coletas. Nesse artigo, a pesquisadora atenta para a importância e urgência de trabalhos que partam do léxico etnobiológico para se registrar a maneira como cada povo conceitualiza o seu entorno natural, e ressalta os desafios desse tipo de pesquisa, em que, muitas vezes, faltam exemplares para a identificação de espécies, já que essas plantas (e os conhecimentos a elas associados) são ameaçadas pelo desmatamento.

Em “*‘Mi abuela más que un árbol (genealógico) tiene una enredadera’*. *Matrimonios consanguíneos entre los toba del Centro-Este chaqueño*”, a antropóloga Florencia Tola (p.273-296) apresenta uma análise do regime de aliança matrimonial toba, com foco nos matrimônios consanguíneos.

Primeiramente a pesquisadora descreve a terminologia de parentesco e as regras de proibição de incesto e, em seguida, analisa o corpus coletado entre 2002 e 2009, com o auxílio do *software* PUCK. Dessa maneira, o artigo traz tanto contribuições para os estudos sobre termos de parentesco do Chaco Central, como para a metodologia desse tipo de pesquisa.

No Brasil, existem poucos estudos interdisciplinares voltados para a descrição e análise do léxico etnobiológico. A maioria dos estudos na área refere-se à fonologia, morfologia e sintaxe das línguas indígenas, pesquisas que oferecem subsídios para esse tipo de trabalho. Entretanto, os estudos que partem do léxico etnobiológico permitem o conhecimento dos processos de criação de palavras a partir de aspectos fonológicos, gramaticais e lexicais já existentes na língua. Assim, é possível analisar alguns recursos fonológicos – como a utilização do simbolismo sonoro na formação do léxico; morfológicos, utilização de afixos, reduplicação, classificadores nominais, entre outros; e morfossintáticos – por meio do estudo dos compostos nominais. Por se tratar de pesquisa que se realiza na interface existente entre língua e cultura, a semântica contribui para identificação das formas polissêmicas e para o estudo das relações metafóricas ou metonímicas presentes nos nomes

que compõem o léxico biológico. São esses estudos que permitirão um melhor desenvolvimento de áreas como a Lexicologia e a Lexicografia, possibilitando aos pesquisadores produzirem obras que dispensem um maior cuidado à lematização do vocabulário referente à fauna e à flora.

No léxico encontram-se aspectos centrais da cultura de um povo. O estudo que se realiza na interface existente entre língua, cultura e mundo biológico, permite a compreensão de aspectos que caracterizam certa comunidade, uma vez que dado nome de identificação não somente identifica uma espécie, mas também pode fornecer informações de parentesco e também detalhes sobre a morfologia ou aspectos do comportamento de cada espécie. Por isso a necessidade de se identificar os critérios empregados pelas sociedades indígenas para a categorização do mundo natural ao nível da palavra. Com isso, pode-se chegar a uma compreensão do que é denominado “etnoclassificação”, ou seja, o conhecimento que determinada etnia possui sobre o seu entorno natural.

Pesquisas que conjuguem os aportes da Linguística, da Etnobiologia e da Antropologia, como as que estão compiladas no livro apresentado, contribuem para o desenvolvimento de métodos e discussões teóricas para a coleta e análise do léxico etnobiológico, e de estudos sobre sistemas de classificação, auxiliando na documentação e preservação do conhecimento das comunidades indígenas. Além disso, os estudos presentes nessa obra contribuem com a tipologia da classificação linguística, proporcionando a realização de estudos comparativos entre línguas de uma mesma família ou mesma região.

REFERÊNCIAS

- CERIA, Verónica G.; SANDALO, Filomena (1995). A preliminary reconstruction of Proto-Waikurúan with special reference to pronominals and demonstratives, *Anthropological Linguistics* 37 (1): 169-91.
- BERLIN, Brent (1992). *Ethnobiological classification: Principles of categorization of plants and animals in traditional societies*. New Jersey: Princeton University Press.
- BRINTON, Laurel J.; TRAUOGOTT, Elizabeth Closs (2005). *Lexicalization and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HINTON, Leanne; NICHOLS, Johanna; OHALA, John J. (eds.) (1994). *Sound Symbolism*. Cambridge: Cambridge University Press.

Flávia de Freitas Berto
(PG - FCL-UNESP/Araraquara)
Angel Corbera Mori
(IEL/CELCAM-UNICAMP)

Recebido: 1/8/2011
Versão Revista: 11/8/2011
Aceito: 30/8/2011.